

Fluxos transatlânticos e identidade: a imigração brasileira em Portugal e o imaginário português sobre o Brasil*

Wellington Teixeira Lisboa**

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo central divulgar os resultados de uma investigação focada na inter-relação entre, de um lado, o fenômeno da massificação da imigração brasileira em Portugal e, de outro, o conjunto de representações identitárias sobre o Brasil e os brasileiros que são partilhadas no imaginário português contemporâneo. Nesta perspectiva, interessa-nos analisar, com base em depoimentos resultantes de uma pesquisa empírica desenvolvida nas cidades de Coimbra e Lisboa, dois eixos fundamentais dessa inter-relação: a influência dos imigrantes brasileiros na recomposição de uma identidade brasileira em Portugal; os efeitos do imaginário português sobre o Brasil, fundado em raízes históricas, na vida cotidiana de brasileiros que vivem no “país irmão”.

Palavras-chave: imigração; imaginário; História; identidade

* “Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú – MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010”

** Doutorando em Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP). Mestre em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Coimbra, com apoio do Programa de Bolsas de Alto Nível da União Europeia para América Latina (ALBAN).
wtlisboa@yahoo.com.br

Fluxos transatlânticos e identidade: a imigração brasileira em Portugal e o imaginário português sobre o Brasil

Wellington Teixeira Lisboa

Imaginários históricos na globalização

A globalização econômica, tecnológica e cultural vem dinamizando os processos de construção e partilha de conhecimentos entre os sujeitos sociais. O conjunto de imagens, pessoas, capitais, bens de consumo, sobretudo bens simbólicos, que se desloca veloz e continuamente no cenário global contemporâneo parece, com efeito, incidir no reordenamento das lógicas primordiais que estruturam as representações sociais de temas diversificados e que atuam na conformação de identidades pessoais e coletivas.

Na acepção de Appadurai (2004), uma das consequências sobressalientes dos fluxos culturais emergentes na historicidade moderna refere-se às alterações da produção psicossocial de saberes transitáveis nos cotidianos. Explica este autor que as recentes inovações tecnológicas e os atuais movimentos migratórios transnacionais vieram introduzir outros recursos e novas dimensões às configurações imaginárias e estruturas de sentimento que subsidiam a viabilidade de conhecimentos sociais. A mídia eletrônica, por exemplo, pelas suas potencialidades comunicativas em espaços e tempos aleatórios e incertos, redimensiona as práticas de reflexão, debate e apropriação dos discursos que transitam nas esferas públicas, assim como conferem distintos matizes a representações imaginadas do Nós e do Outro. Paralelamente aos meios de comunicação tradicionais, mormente à mídia televisiva, as formas digitais e instantâneas de midiaticização e mediação tecnológica também vêm se sobrepondo no âmbito do doméstico e familiar, influenciando na (re)construção de sentidos coletivos e imaginários identitários.

Assim, como contextualiza Appadurai (2004), os textos, imagens, modelos e narrativas que, nas últimas décadas, vêm sendo propagados pelas indústrias culturais globais e pelas tradicionais e novas mídias constituem elementos substanciais na redefinição simbólica de saberes difusos nos cotidianos, sobretudo nos cotidianos urbanos. Por sua vez, a massificação dos atuais movimentos migratórios, inscrita nas dinâmicas de compressão espaço-temporal (Harvey, 1993) do mundo contemporâneo, vem provocando, ainda segundo Appadurai (2004), a crescente instabilidade das subjetividades e identidades modernas, bem como a emergência de contatos interculturais voluntários ou não. A forma fluida, transversal e irregular que caracteriza as experiências sociais no contexto do mundo globalizado, fomentando fluxos incessantes de turistas, imigrantes, refugiados, trabalhadores, exilados, permite a constituição de paisagens urbanas que muito se distinguem da concepção clássica referente aos cenários onde se opera o tear dos movimentos humanos. Esses horizontes transfigurados, que Appadurai (2004) designa como *etnopaisagens*¹, tendem a envolver-se e a proporcionar, aos trabalhos da imaginação individual e coletiva, enredos de significação

¹ As *etnopaisagens* são definidas como as novas paisagens que se configuram na geometria cambiante do atual mundo em deslocamento, caracterizado por turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores convidados e outros grupos e indivíduos em movimento. Na concepção de Appadurai (2004), esses sujeitos desterritorializados atuam na construção de outros cenários urbanos, como também tendem a afetar a política das nações (e entre as nações) a um grau sem precedentes.

passíveis de negociação no confronto com outras esferas que igualmente protagonizam processos de mutação, como as *mediapaisagens*².

O que se procede a partir dos fluxos migratórios, deste modo, simetriza-se ao que se desencadeia com a midiaticização, isto é, são os eus e mundos imaginados que são interpelados e reconfigurados, ainda que tais processos também sirvam para legitimar os significados de tudo quanto se imagina. Os cotidianos que se estruturam no contexto da modernidade global tendem, neste sentido, a envolver-se numa incontornável articulação entre, por um lado, as representações historicamente edificadas e enaltecidas (Moscovici, 2003) e, por outro, os enredos de cenários e vidas possíveis, de paisagens imaginadas que se redesenham a partir do trânsito de narrativas midiáticas e de sujeitos desterritorializados na nova cartografia do mundo (Giddens, 1990; Bauman, 1999; Ortiz, 1999).

Nesta perspectiva, os discursos da mídia portuguesa sobre as supostas referências do Brasil, a circulação maciça de produtos das indústrias culturais brasileiras no cotidiano coletivo português e o fluxo ininterrupto de imigrantes brasileiros em Portugal parecem, com efeito, intervir na atual percepção portuguesa sobre o Brasil e seus nacionais. O desenvolvimento dos meios de comunicação e das indústrias culturais, de fato, veio dinamizar a produção de conhecimentos sobre o Brasil em Portugal, desde meados do século XX. Como contextualiza Cunha (2003a), na década de cinquenta deste último século iniciaram-se as permutas culturais de massa entre os dois países, recaindo sobre a esfera das novas expressões musicais, da “revista à portuguesa”, do teatro e do humor. Nos anos sessenta, não obstante essas formas culturais, Portugal importou da Editora Abril Cultural e de outras editoras brasileiras revistas sobre temas variados, além de banda desenhada e traduções de obras clássicas. A Música Popular Brasileira (MPB) teve, a partir daquele momento, um notório impacto em Portugal, inclusive porque esse gênero musical passou a ocupar grande parte da programação radiofônica daquele país, obrigada, àquela época, a emitir em língua portuguesa.

Como ainda demonstra Cunha (2003a), nos finais dos anos sessenta e início dos setenta, a única estação televisiva, de natureza pública, apresentava, periodicamente, *shows* musicais e programas humorísticos brasileiros. Na década de 70, mesmo com o deflagrar da Revolução portuguesa de 1974, centenas de brasileiros procuraram o “país-irmão” para se exilar do regime militar vigente no Brasil e integraram os quadros de jornais, de editoras, os grupos de teatro e produtoras de música em Portugal. Três anos após o fim do regime ditatorial português, *Gabriela*, assinalando o prenúncio da massificação das audiências televisivas em Portugal, inaugurou a contínua exibição das telenovelas brasileiras na televisão generalista portuguesa³, sendo que esse gênero ficcional parece ter se instalado como fonte de mediação de referências lusófonas.

² As *mediapaisagens* são paisagens iconográficas, vastos e complexos repertórios de imagens e narrativas que são disseminados em escala global, pela capacidade operacional das empresas jornalísticas, estações televisivas, estúdios de produção de filmes.

³ Segundo Cunha (2003a), um conjunto de produtos culturais acompanhou o lançamento do primeiro capítulo da telenovela *Gabriela*, em 16 de Maio de 1977, na única estação televisiva à época, a RTP (Rádio e Televisão de Portugal). As rádios e a televisão mantinham programas regulares de divulgação da MPB, e os romances de Jorge Amado eram os mais vendidos na feira do livro em Lisboa e nas livrarias daquele país, conseguindo, inclusive, que uma obra de ficção, pela primeira vez após o 25 de Abril, superasse as vendas de livros políticos em Portugal, mesmo num momento de fervor do panorama político nacional. Interessante também registrarmos que, até 2008, cerca de 230 telenovelas brasileiras foram transmitidas em Portugal, sendo a maioria exibida no horário nobre e re-exibida em diferentes canais e horários, obtendo elevados índices de audiência (Costa, 2003; Cunha, 2005).

Novos contornos, ainda, são acrescidos ao panorama midiático português quando, no dealbar dos anos 90, os operadores particulares de televisão iniciaram suas atividades, consagrando as telenovelas brasileiras como instrumento principal das guerras de audiência entre os canais públicos e privados (Cunha, 2003b). Desde então, variadas músicas, personalidades e artistas brasileiros, bem como publicidades protagonizadas por referências do Brasil e todo um conjunto de produtos culturais alusivos a este país, vêm se intensificando seja nos meios de comunicação massiva em Portugal, seja no cotidiano coletivo português, numa dinâmica que, efetivamente, tende a incitar o reposicionamento do Brasil no imaginário português contemporâneo (Lisboa, 2007, 2008).

A imigração brasileira em Portugal: visibilidade e cárcere

Tal como as telenovelas brasileiras, nas últimas décadas, vêm influenciando na percepção coletiva portuguesa sobre as múltiplas referências do Brasil, a massificação da imigração brasileira em Portugal também pode ser perspectivada como um dos fenômenos contemporâneos que redimensiona as representações do Brasil no imaginário português.

À partida, convém-nos salientar que a emigração brasileira para Portugal teve início nos fins da década de oitenta do século passado. Essa movimentação transatlântica inscrevia-se num contexto histórico caracterizado pela instabilidade econômica do Brasil, cujo governo da época era presidido por José Sarney, e pela subsequente eleição de Fernando Collor de Mello, que em 1992 sofreu um processo de *impeachment* político (Vianna, 2003; Vitorio, 2005)⁴. Em Portugal, a chegada dessa “primeira vaga” de brasileiros prolongou-se até 1996, sendo esse grupo, na sua maioria, composto por pessoas com altas qualificações profissionais e que gozavam de um estatuto socioeconômico relativamente elevado no Brasil (como publicitários, dentistas, técnicos de informática e das telecomunicações).

Após a entrada dos cerca de 10.000 cidadãos brasileiros em solo português, o fluxo migratório oriundo desse país cresceu significativamente, configurando o fenômeno da denominada “segunda vaga” da imigração brasileira em Portugal⁵. Diferentemente dos cidadãos emigrados na “primeira vaga”, esses “novos” imigrantes brasileiros apresentavam instrução escolar de, no máximo, nível médio, encontrando-se, pois, suscetíveis a diversos tipos de trabalho no “país irmão”, como atestam os estudos de investigadores brasileiros e portugueses que vêm se debruçando sobre esta temática. Segundo Cunha (2005), algumas hipóteses podem ser aventadas para a compreensão das diferenças substanciais que caracterizam esses dois momentos da imigração brasileira em Portugal (1989-1996; 1997-2004). Com base em Peixoto (2004), esta autora defende que os cidadãos brasileiros da “primeira vaga” foram atraídos por nichos do mercado português em expansão, constituindo um reforço qualificado das forças de trabalho nacional, a exemplo dos profissionais

⁴ Como demonstra Vianna (2003), o fenômeno da emigração brasileira acentuou-se naquela época, sendo a Europa, o Japão e os Estados Unidos os destinos preferenciais.

⁵ Como refere Cunha (2005), muitos autores defendem que, no início do presente século, o fluxo de imigrantes brasileiros para Portugal resulta da conjugação entre o agravamento das condições socioeconômicas do Brasil e a exibição, em Outubro de 1999, de uma reportagem no programa *Fantástico*, na TV Globo, sobre Portugal e seu processo de “desenvolvimento social”. Neste programa dedicado à comunidade brasileira radicada em Portugal, “acentuavam-se as oportunidades de uma economia em crescimento acelerado, a empregabilidade, a facilidade de língua e o bom acolhimento dos irmãos de além-mar” (Cunha, 2005, p. 3). Esta autora também menciona que a “mesma imagem sobre o sucesso da imigração brasileira em Portugal é reforçada em outras revistas direccionadas para as classes médias brasileiras, nomeadamente na revista *Veja*” (Cunha, 2005, p. 3).

brasileiros que suprimam as necessidades do mercado midiático português, em crescimento após a concessão de redes de televisão a operadores privados. Assim, este coletivo migrante, que “entra por canais legais em Portugal e vê reconhecidas as suas competências e qualificações, concorre em pé de igualdade com os nacionais por melhores salários e estatutos sociais” (Cunha, 2005: 5).

Em contrapartida, os brasileiros da “segunda vaga” ocupam o setor secundário do mercado de trabalho português, submetendo-se a deficientes estatutos jurídicos e a precárias condições laborais. Como ainda demonstra Cunha (2005), esses sujeitos estão, na sua maioria, recenseados no ramo de serviços, sobretudo comércios e restaurantes, atendendo a uma demanda surgida com o processo de modernização de Portugal, desencadeada após a adesão desse país ao bloco econômico da União Europeia. Assim como Padilha (2005) e Téchio (2006), Cunha (2005, 2006) também menciona que muitos homens e mulheres brasileiros exercem atividades irregulares na construção civil e na prostituição⁶, respectivamente.

Independentemente da situação legislativa que os define, esses postos de trabalho ocupados pelos imigrantes brasileiros em Portugal parecem estar correlacionados aos fluxos emigratórios portugueses das últimas décadas, ao recente processo de modernização desse país e, tendo em conta as especificidades do panorama global atual, enquadram-se na dinâmica de desterritorialização do mundo moderno e suas implicações, particularmente no que tange à flexibilização e precarização da esfera do trabalho (Harvey, 1993; Castles, 2005; Urry, 2005). Todavia, para além dessas perspectivas, é válido também argumentarmos se, com efeito, as representações históricas do Brasil no imaginário português criam mercados próprios à atuação e performance dos imigrantes brasileiros em Portugal, configurando uma “identidade brasileira para o mercado português”, como bem apontou Machado (2003) em sua pesquisa sobre as condições laborais de brasileiros na cidade do Porto. De acordo com este autor, o conjunto de representações estereotipadas do Brasil amolda determinados “tipos” de emprego exclusivos aos imigrantes brasileiros em Portugal, que são direcionados a atividades em estabelecimentos comerciais, como bares, restaurantes, hotéis e casas noturnas, onde se exige que os funcionários desdobrem-se em simpatia no contato direto com os clientes. O estudo desenvolvido por Machado (2003) comprova que, se, por um lado, as marcas estereotipadas da sensualidade, da esportividade e de uma suposta “alegria natural” brasileira são legitimadas e valorizadas pelo mercado laboral português, conformando uma identidade brasileira neste antigo país imperial, por outro lado, são representações sociais que aprisionam os brasileiros num verdadeiro “cárcere simbólico”, com todas as implicações decorrentes de tal encarceramento. Conclui este autor que, indubitavelmente, essas figurações imaginárias (Halbwachs, 1990; Moscovici, 2003) reportam a tempos longínquos e são adensadas por profundas raízes históricas, sendo também validadas, no movimento cíclico do cotidiano, pelos discursos midiáticos portugueses e pelas indústrias culturais brasileiras que atuam em Portugal⁷.

⁶ Há um contingente substancial de mulheres brasileiras exploradas pelo tráfico sexual. Segundo o Relatório da ONU sobre o tráfico de Crianças, Prostituição e Pornografia, Portugal é identificado como destino final de oito rotas brasileiras de prostituição. Em seu estudo, Cunha (2006) refere que é possível estimar um número aproximado de 4000 mulheres brasileiras que, alternando períodos de estadia entre Portugal e Espanha, exercem a atividade da prostituição. Essas mulheres trabalham nas chamadas casas de alterne (casas de prostituição) nas regiões fronteiriças desses países, sempre ao abrigo de grandes interesses instalados, como os clubes de futebol e as empresas de construção civil.

⁷ Na investigação de mestrado desenvolvida junto ao Instituto de Estudos Jornalísticos da Universidade de Coimbra, demonstramos que inúmeros artistas e personalidades brasileiras exploram, em Portugal, esse universo de significações identitárias sobre o Brasil.

Para os propósitos deste estudo, importa-nos também destacar que os índices estatísticos da imigração brasileira em Portugal não chegam a um consenso numérico e sempre evidenciam oscilações expressivas a cada ano de avaliação. A partir de 2005, quando tem início a denominada “terceira vaga”, os brasileiros passaram a constituir a maior comunidade estrangeira residente em Portugal, totalizando 85.344⁸ imigrantes legais⁹. No geral, essa coletividade migrante é composta por jovens solteiros ou divorciados/separados, com idades entre os 20 e 35 anos, sendo que aproximadamente 60% são homens e 40%, mulheres. Além disso, são pessoas oriundas das grandes e médias cidades dos principais Estados brasileiros, como Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, e também dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Goiás (Vianna, 2003; Cunha, 2005; Téchio, 2006). Dada sua expressividade numérica e sua representatividade simbólica como minoria étnica em Portugal, a problemática da imigração brasileira, vale sublinhar, tem sido amplamente midiaticizada pelos veículos de comunicação portugueses, sendo muitas vezes associada a temáticas referentes à criminalidade, à ilegalidade e à prostituição, o que tende a contribuir, no senso comum português, para com a solidificação de estereótipos do Brasil e de brasileiros.

Cunha & Santos (2004), no tocante a estas questões, conferiram que, em 2003, as notícias televisivas sobre a imigração em Portugal abordaram, na sua grande maioria, os casos de imigrantes de nacionalidade brasileira, sobre os quais foram despejados atributos e valores consubstanciados na relação dicotômica Nós/Outros. No âmbito desse estudo, também se verificou que o crime foi o eixo temático mais explorado quando, naquele ano, os brasileiros e outras minorias étnicas foram noticiados na televisão, sendo que a narrativa policial e o tom negativo predominaram em tais peças jornalísticas. Sequencialmente, Cunha & Santos (2006) constataram que, em 2004, a modalidade *Vários*, alusiva a diversas comunidades de imigrantes, foi a mais mencionada nos noticiários dos meios televisivos, quando o critério analisado foi a nacionalidade do imigrante ou sua etnia. No entanto, individualmente, os brasileiros continuaram como os mais referidos nas peças examinadas, e, muito embora tenha havido um ligeiro decréscimo de notícias associando os imigrantes ao crime, este tema continuou como o mais explorado quando da veiculação de notícias sobre os mesmos. Não foi casualmente, pois, que se comprovou que o campo semântico¹⁰ dos assuntos mais abordados pelos telejornais em relação aos imigrantes e às minorias étnicas foi *Transgressão Social* (Crime, Exploração, Máfia, Prostituição e Violência).

Assim, conquanto se considere que, no imaginário português contemporâneo, as representações do Brasil ainda estejam fortemente ligadas aos vínculos histórico-culturais existentes entre os dois países, há que se ponderar que os imigrantes brasileiros em Portugal vêm recompondo e remodelando a paisagem urbana e a realidade social portuguesa, o que sugere a incitação da população do antigo Império ao embate cotidiano entre expectativas do imaginário colonial e percepções apreendidas no presente. Deste modo, atuando em lojas,

⁸ Estimativa publicada no Relatório Estatístico de 2004, disponível em <http://www.sef.pt>; Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas – Acime (2005), Boletim Informativo nº 32, Setembro 2005.

⁹ Se também forem contabilizados os imigrantes brasileiros que, em Portugal, estão sem a documentação regularizada, estima-se que a comunidade brasileira ultrapasse 100.000 pessoas naquele país, conforme demonstram os dados do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Informações disponíveis em <http://www.brasileirosnomundo.mre.gov.br/pt-br>.

¹⁰ Cunha & Santos (2006) dividiram as temáticas nos seguintes campos semânticos: *Transgressão Social* (Crime, Exploração, Máfia, Prostituição e Violência); *Estado/Governo* (Expulsão, Legalização, Legislação, Naturalização, SEF, Segurança e Terrorismo); *Sociografia* (Clandestinidade, Condições Sociais, Desemprego, Discriminação, Educação, Economia, Família, Habitação, Trabalho, Sem Abrigo e Saúde); *Políticas Inclusivas* (Cultura, Integração, Reagrupamento e Religião); *Rotinas dos Media* (Acidentes/Incidentes, Agendas, Estatísticas e Estudos sobre Imigração).

supermercados, cafés, restaurantes, hotéis e outros serviços que lhes abonam grande visibilidade na vida de todos os dias, esses imigrantes potencializam experiências de contato entre realidades imaginadas e modelos reais de uma pretensa “brasilidade”, estimulando as dinâmicas de (re)construção e/ou legitimação da identidade brasileira em Portugal. Atentando-nos a esse quadro contextual, e nomeadamente às interdependências que se manifestam em suas dimensões global e local, confrontamo-nos com alguns questionamentos preponderantes ao desenvolvimento do estudo que ora apresentamos. Em âmbito geral, que representações do Brasil circulam no imaginário português contemporâneo? Os fluxos migratórios de brasileiros em Portugal, bem como os discursos midiáticos portugueses sobre o Brasil e os produtos culturais brasileiros transnacionalizados, intervêm nos processos de configuração e validação cotidiana desses conhecimentos imaginários? Como perspectivarmos as influências dessa movimentação transatlântica na produção das representações do Brasil em Portugal considerando, para esse efeito, que versões da história e da identidade cultural portuguesa, e seus enredos de significações que matizam memórias e imaginários coletivos, tendem a ordenar essa dinâmica social?

Trilhos imaginários: da memória histórica aos ícones do cotidiano

As reflexões de Cunha (2002) sobre as possíveis articulações entre as formulações descritivas da Terra de Vera Cruz, expressas por Pêro Vaz de Caminha na carta do “achamento” daquela *terra nova*, e as representações do Brasil e dos brasileiros no imaginário português contemporâneo afiguram-se valiosas para pontuarmos as estruturas de um imaginário colonial ainda resplandecente entre os portugueses. Na acepção desta autora, essas inter-relações discursivas partem de um modo de compreender as significações imaginárias como textos que extravasam os limites do funcional na determinação do simbólico. Ou seja, a leitura das diversas representações do Brasil atualmente partilhadas em Portugal, e vivificadas em circunstâncias histórico-ideológicas específicas, requer perspectivar o imaginário social não como um indeterminado, “mas como um determinante, um motor na produção de sentidos, valores e significações, um conjunto de traços – incisões ou inscrições indelévelis em uma superfície – que têm longa duração” (Cunha, 2002, s/p.).

Neste sentido, muitas das percepções que compunham o “olhar” quinhentista e colonial português, significativamente exteriorizado e documentado por Caminha (Cortesão, 2000; Lisboa, 2009), ainda parecem subsistir no universo simbólico que estrutura as representações do Brasil em Portugal, não raramente consubstanciadas na relação dicotômica Nós (civilizados) / Outros (exóticos, selvagens). A ênfase nas dimensões territoriais, isto é, na surpreendente “grandeza da terra”, e nas características (exóticas) vegetais e animais do Brasil, outrora designado Terra de Vera Cruz, desvela, por exemplo, a componente mítica que ainda atualmente modela as representações do Brasil no imaginário português, tanto entre os adultos quanto entre os jovens daquela ex-metrópole imperial¹¹.

¹¹ A pesquisa empírica que desenvolvemos no âmbito desta investigação focou dois grupos distintos: jovens portugueses matriculados no ensino superior, com idades entre 18 e 25 anos, e adultos portugueses que frequentaram até o ensino primário, com idades entre 40 e 55 anos. Essas peculiaridades compõem o perfil das respectivas faixas etárias da população portuguesa. Partimos do pressuposto que as diferenças contextuais que integram a trajetória de vida e o “olhar coletivo” dos adultos e jovens portugueses tendem a influir nos modos como o imaginário português contemporâneo (re)produz as representações do Brasil e dos brasileiros. Esta pesquisa empírica transcorreu nas cidades de Coimbra e Lisboa, no período compreendido entre os meses de Janeiro e Maio de 2006, sendo composta por métodos quantitativos e qualitativos. Por motivos que extravasam os limites e características do evento em que este trabalho é apresentado, apenas exporemos os resultados da pesquisa empírica baseada em métodos qualitativos.

O Brasil é um país muito grande, com terras a perder de vista. Tem imensas florestas, onde há frutas diferentes, como goiaba, cacau, e animais que só há por aqueles lados, como papagaio, onça e cobras de todas as espécies. No Brasil, há os rios profundos também, como o Amazonas, onde há até peixe que come carne humana. As piranhas, pois não? Pronto, o Brasil tem muitas paisagens bonitas e é um bom sítio para férias (Adulto, Homem, Coimbra).

Imagino o Brasil como um país muito grande, imenso, não sei quantas vezes maior que Portugal. Mas é mesmo muito grande! Deve haver muito verde, muitas praias. Há cachoeiras, coqueiros e paisagens giras! Gostava de lá ir (Jovem, Mulher, Lisboa).

Deste modo, verificamos que, em suas narrativas mnemônicas, os respondentes selecionam, particularmente, os enredos que caracterizam o Brasil como um país territorialmente grande, tropical e exótico, com ‘*terras a perder de vista*’ e singularidades de existência rara¹². Essa essencialização das composições paisagísticas brasileiras, tal aquelas retratadas quando da chegada dos “descobridores” naquele ‘*grande monte, mui alto e redondo*’ e naquela ‘*terra chã com grandes arvoredos*’, vincula-se a uma formação discursiva (Pêcheux, 1995; Foucault, 1997) que vai ao encontro das perspectivas históricas assentes num arraigado imaginário quinhentista, colonial.

No entanto, e muito embora sua conotação evidencie-se sobretudo neste sentido, a “grandeza” imaginada transcende uma dimensão exclusivamente territorial, geográfica, e passa a simbolizar a “grandeza” de riquezas, de séculos de fartura, sonhos e fortuna, e a “grandeza do destino, fundada na grandeza pretérita do império, grandeza essa que nostálgica e imaginariamente reúne Portugal e Brasil” (Cunha, 2002, s/p.).

O Brasil é um grande país que Portugal criou, que ajudou a nascer. Foi a colônia que mais nos deu alegria. Assim como nós descobrimos o Brasil e levamos para lá as leis divinas, a língua, o Brasil deu-nos riquezas, e muitos portugueses foram para lá viver. O Brasil é Portugal também (...) é nosso filho¹³ (Adulto, Mulher, Coimbra).

A colonização portuguesa foi justa no Brasil. Levamos os costumes europeus, de civilização, ajudamos o Brasil a crescer e a se desenvolver. Em troca, muitos portugueses emigraram para lá, e lá enriqueceram. Vocês também nos deram riquezas, que há muitas por lá, como o ouro, riquezas que ajudaram Portugal a manter-se como Império (Jovem, Homem, Lisboa).

¹² Caminha, no século XVI, definia a Terra de Vera Cruz como sendo boa, de bons ares, de infindas águas, com frondosos e exuberantes arvoredos e animais de beleza rara (Cortês, 2000).

¹³ Grifo nosso no intuito de questionarmos a retórica da “irmandade luso-brasileira”, tão disseminada nos discursos oficiais e midiáticos, nas manifestações culturais cotidianas e pelos entusiastas da atual lusofonia. Como ‘*filho*’ de Portugal, e não ‘*irmão*’, deparamo-nos com uma ancestralidade de Portugal em relação ao Brasil, desvelando uma gama simbólica de valores e crenças comprometedores aos relacionamentos bilaterais. O sentimento de superioridade do ex-colonizador ante o ex-colonizado, deveras partilhado entre a atual sociedade portuguesa, exemplifica essas implicações.

É, pois, a contumaz identidade imperial portuguesa que, ao Brasil, delega uma posição de destaque na sobrevalorização das narrativas das “grandes conquistas”, dos “feitos heróicos” portugueses, em especial se também considerarmos que a “grande terra descoberta”, posteriormente, tornar-se-ia o auspicioso “paraíso dourado”, que tanto instigou centenas de milhares de portugueses para o êxodo transatlântico, até o século XX. De fato, subjacentes à retórica da “grandeza” de riquezas e destinos fundem-se enredos de tempos longínquos, centenários, que reverberam antigas histórias, desejos e trajetórias de viajantes e colonizadores, de *brasileiros* e *abrasileirados*, de *engajados* e *engajadores*, de portugueses e portuguesas, enfim, que adotaram o Brasil como o *locus* ideal onde se materializariam seus sonhos de Eldorado¹⁴. Foi, inclusive, a partir do enaltecimento das inúmeras “grandezas” do Brasil que, em meados do século XX, o governo salazarista justificou a tardia presença colonialista de Portugal em África¹⁵.

Correlacionadas a essas representações históricas do Brasil, a ênfase na sensualidade, na alegria e na cordialidade típicas dos brasileiros também parece preponderar na constituição da identidade brasileira em Portugal. Essas estereotípias identitárias – reproduzidas, aliás, pelo próprio Estado-nação brasileiro nos seus discursos, nacionais e internacionais, de legitimação de uma suposta “brasilidade” e de posicionamento turístico deste país no mundo – também compõem o substrato principal do universo de referências atribuídas ao Brasil em Portugal, tanto entre os adultos quanto entre os jovens universitários portugueses.

A alegria e o gosto pelo sexo são as características que representam os brasileiros. Estão sempre a fazer festa, a dançar aquelas músicas que mexem todo o corpo. E as brasileiras, então, são as mais quentes do mundo! Deixam qualquer homem português (...) qualquer homem perturbado (...) Cá, em Lisboa, é impossível não admirar as brasileiras, com suas ‘curvas’, a baloiçar os seus belos corpos (Adulto, Homem, Lisboa).

O Brasil é um país alegre. Os brasileiros estão sempre a rir, a dançar, a falar alto. Não vês as músicas brasileiras, que põem todos a dançar? A Ivete Sangalo e a Daniela Mercury são exemplo do que é ser brasileiro. São alegres, simpáticas, bonitas. Os portugueses são mais fechados, mais europeus, embora sejam um povo hospitaleiro. Se calhar, somos mais sérios, mais racionais, e os brasileiros, mais festivos, mais emotivos, por assim dizer (...) Não vês os brasileiros

¹⁴ Reportamo-nos, em especial, aos *brasileiros de torna-viagem*, figuras de destaque na composição histórica de uma identidade brasileira em Portugal. Os *brasileiros de torna-viagem*, ou simplesmente *brasileiros*, eram emigrantes portugueses que, com maior expressão nos fins do século XIX e começo do XX, rumaram ao Brasil, atraídos pelo desejo de enriquecerem na nova nação independente. Muitos desses emigrantes, ao retornarem a Portugal, passaram a ser ridicularizados pela população e pelo governo desse país, que os acusava de adotarem hábitos e traços impróprios, “tropicalizados”, adquiridos no Brasil (Alves, 2000).

¹⁵ Após a Segunda Guerra Mundial, com as pressões internacionais para a descolonização, o Brasil ressurgiu no discurso oficial português como modelo ideal da bem-aventurada colonização portuguesa, dadas as potencialidades geográficas, culturais, econômicas deste país latino-americano. O Brasil simbolizaria, deste modo, o êxito da tardia empreitada colonialista portuguesa, ainda resistente em territórios africanos.

que estão cá a trabalhar, como costumam chamar a atenção!
(Jovem, Mulher, Coimbra).

Similarmente às predicções dos nativos da antiga Terra de Vera Cruz, descritas entusiasticamente pelo “olhar” europeu e quinhentista de Caminha, a alegria, a sensualidade e o ‘gosto pelo sexo’ são, portanto, atributos que emergem no imaginário português contemporâneo, quando o Brasil e os brasileiros constituem o tema representado. Nomeadamente as mulheres brasileiras – que deixam ‘qualquer homem português (...) qualquer homem perturbado’ – figuram como a mais evidente personificação dessa essencialização erotizada da identidade brasileira em Portugal, encontrando nos ritmos, cantores e danças do *axé*, por exemplo, elementos simbólicos para a cristalização dessa identidade enviesada.

Nesta perspectiva, tais formações discursivas (Pêcheux, 1995; Foucault, 1997) tendem a enclausurar as mulheres brasileiras, inclusive as que protagonizam experiências migratórias em Portugal, em imagens bastante conhecidas no senso comum português e difundidas, há séculos, quer na literatura de viagens, quer na literatura oitocentista daquele país: imagens da nativa sensual e dócil ou da mulata depravada que corrompe a vida do homem português¹⁶. Essas ‘destruidoras de lares’, como foram designadas pelas portuguesas envolvidas no manifesto *Mães de Bragança*¹⁷, desvelam, pois, o teor sexualizado e feminizado que molda o núcleo central das representações do Brasil no imaginário português contemporâneo.

Evidentemente, subjacentes a esses discursos provenientes de uma memória histórica que se evidencia prenhe de fantasmas e fantasias imperiais (Ribeiro & Ferreira, 2003), defrontamo-nos com o velho binômio que delimita as zonas fronteiriças de contato entre os supostos centros e periferias, entre antigas metrópoles imperiais e suas possessões coloniais, entre Ocidente e Oriente (Santos, 2006), Próspero e Caliban (Santos, 2001, 2006): cultura/natureza, racionalidade/instinto, civilização/barbárie. Assim, e como demonstra Cunha (2002), enquanto a Europa mantém-se no campo semântico relativo ao cartesiano, ao cerebral, ao intelectualizado e civilizado, ao Brasil, inversamente, são imputadas noções concernentes ao universo simbólico da selvageria e da “perdição humana”. Deste modo, no pensar coletivo português, os brasileiros caracterizam-se como sujeitos naturalmente pulsionais e desviantes, ou melhor, instintivos, emotivos, musicais, libertinos. Daí a perspicaz constatação de Machado (2003) quanto à existência de uma “identidade brasileira para o mercado português”, que estrutura as relações de trabalho dos imigrantes brasileiros em Portugal.

Neste sentido, tanto entre os adultos quanto entre os jovens portugueses, as representações do Brasil e de seus nacionais consubstanciam múltiplas estereotípias identitárias, ligadas a uma componente predominantemente exótica. Logo, atribui-se ao

¹⁶ Como demonstra Lisboa (2009), a literatura portuguesa do século XIX simboliza a representatividade do Brasil no imaginário da época. As obras de Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós, por exemplo, abundam de imagens estereotipadas sobre o Brasil e os brasileiros, em especial sobre a mulata brasileira. Em geral, a figura das brasileiras era representada pela mulher sensual e libertina, dotada de “malandragens” e “selvageria” tipicamente brasileiras.

¹⁷ O movimento *Mães de Bragança* surgiu em Maio de 2003, na cidade de Bragança, situada na região Norte de Portugal, quando quatro portuguesas, alegando que os respectivos maridos trocaram-nas por ‘*meninas brasileiras*’, fizeram circular um abaixo-assinado na referida cidade, objetivando acabar com a ‘*invasão*’ de brasileiras, supostamente dedicadas à prostituição. Como demonstra Vitorio, “as criadoras do auto-denominado movimento “*Mães de Bragança*” despertaram a atenção no país sobre a prostituição de imigrantes, alimentando as pautas da mídia e incentivando a ação policial e do SEF” (Vitorio, 2005, p. 68).

Brasil a exclusiva identidade de país tropical, subdesenvolvido e selvagem, situando-o, portanto, numa paisagem imaginada distinta e distante da pretensa Europa civilizada. Nesta zona de contato inscrita em contextos de configurações pós-coloniais, minadas, porém, por desejos, medos e fobias coloniais, Portugal, como bem observou Cunha (2002), imagina-se num espaço “entre”, num “entre-lugar”, posicionando-se como um país europeu, moderno e ‘racional’, como referido no depoimento supracitado, mas hospitaleiro e afável, similar aos países dos trópicos.

Importa-nos também aludir que, nomeadamente na concepção dos adultos portugueses, são exatamente essas representações atreladas à barbárie, à permissividade e a uma suposta ausência de regras nas dinâmicas de sociabilidade que sustentam ‘uma das mais marcantes características do Brasil’¹⁸: a criminalidade.

O Brasil é bonito, mas perigoso. Vocês lá matam as pessoas como matam animais. Todos os dias há notícias de que morreram não sei quantos. Desculpe lá, mas parece que vocês têm, no sangue, a tradição de vingança, a tradição de matar. Em qualquer coisa, até no futebol, aproveitam para se vingar com crimes. Por isso que evito muito contato com esses brasileiros daqui de Lisboa. Não, não! Não dá para confiar (Adulto, Homem, Lisboa).

Até gosto do Brasil. Gosto das praias, do Carnaval, da alegria, das telenovelas. Mas a violência é demais, assusta-nos. Aquilo lá já não tem limites. É muito crime! Imagino que as pessoas não podem andar sossegadas na rua, pois os ladrões, os bandidos (...) esses tipos atacam a toda hora. Os brasileiros são mesmo muito violentos, se bem que até há raças piores, como os ciganos, os pretos e esses do Leste (...) Em Portugal, os brasileiros também costumam se envolver com crimes, mas são os romenos os que causam mais medo (Adulto, Mulher, Coimbra).

Em contrapartida, os jovens universitários portugueses, conquanto também vinculem o Brasil a uma noção de criminalidade desmedida e cotidiana, não relacionam essa problemática a uma possível ‘tradição de vingança’, imposta no sangue dos brasileiros, ou às características peculiares de uma ‘raça brasileira’, como explanado pelos adultos respondentes. Fundamentando-se especialmente em informações divulgadas pelos dispositivos midiáticos locais e também pela interação com brasileiros que trabalham e/ou estudam em Portugal, os jovens, na sua maioria, contextualizam a violência e a criminalidade como desdobramento de problemas estruturais que assolam o Brasil, como a pobreza e as desigualdades de distribuição de renda, por exemplo¹⁹.

¹⁸ Expressão declarada por um dos respondentes desta pesquisa.

¹⁹ Vale ressaltar que, quando solicitados a descrever uma notícia sobre o Brasil que correspondesse à maneira como imaginam este país, a notícia mais referida pelos adultos e pelos jovens foi sobre a morte de seis homens portugueses na capital do Estado do Ceará, Fortaleza, em 2001. Sequencialmente, este caso também foi o mais mencionado quando pedimos aos respondentes para que citassem uma notícia a respeito do Brasil que julgassem importante para eles.

Gostava de ir ao Brasil, mas tenho medo. E até tenho amigos que vivem em Portugal e são de lá. Mas parece que o país de vocês vive numa guerra civil! Sempre vejo notícias sobre confronto entre polícias e traficantes, sobre tiros perdidos e sobre roubo a turistas e aos próprios brasileiros, principalmente no Rio de Janeiro. Dizem até que, na porta dos hotéis, há crianças a pedir dinheiro. É uma pena que haja tanta pobreza no Brasil, e as pessoas tenham de recorrer a esse tipo de vida (Jovem, Mulher, Lisboa).

A criminalidade no Brasil é comparada à situação do Iraque. Todos os dias são enterrados milhares de iraquianos e brasileiros. Não está certo, o Brasil poderia ser menos desigual, ter menos diferença entre ricos e pobres, para que a criminalidade diminuísse (...) Os colegas brasileiros que estudam em Coimbra dizem que o problema está na política e no fosso social, e eu também penso assim (Jovem, Homem, Coimbra).

Essa acentuada percepção portuguesa acerca da violência e da criminalidade no Brasil, imaginado, deste modo, como um fecundo celeiro de criminosos (Machado, 2003), tende a coadunar-se aos discursos midiáticos portugueses que, não raramente, procedem a uma hiper-exposição de notícias e comentários, de cunho negativo, sobre as questões sociais deste país (Vitorio, 2005). Evidentemente, essa propagação maciça de determinados tipos de informação sobre o Brasil em Portugal parece acompanhar o excesso de expectativas e representações (Lourenço, 1999) que, há séculos, vêm sendo partilhadas pela sociedade portuguesa a respeito de seu “grande” *ex-libris* colonial. E é justamente neste ponto nodal que podemos inferir que, tanto entre os adultos portugueses quanto entre os jovens universitários daquele país, as representações do Brasil encontram-se eivadas de narrativas de origem histórico-colonial e de suas múltiplas reconfigurações, impulsionadas, particularmente, pela mídia televisiva local e pelas indústrias culturais brasileiras atuantes em Portugal.

Os portugueses sabem mais do Brasil do que os brasileiros sabem de Portugal. Muitos dos nossos portugueses foram viver no Brasil, e voltaram com histórias de lá. Nós também vemos muitas telenovelas brasileiras e notícias sobre o Brasil. Pronto, o que sei do Brasil é aquilo que me dizem e o que vejo na televisão (Adulto, Mulher, Lisboa).

Penso que os Media mostram tanto o lado bom quanto o mau do Brasil. As telenovelas, por exemplo, mostram o Brasil bonito, alegre, com paisagens e Carnaval; já os noticiários mostram a violência, os crimes, as guerras nos bairros de lata. Assim, temos as duas ideias do Brasil, o que tem de bom e de mau (Jovem, Homem, Coimbra).

Nesta perspectiva, a exibição de produtos midiáticos transnacionalizados, como as telenovelas brasileiras, e de notícias sobre o Brasil nos meios de comunicação portugueses

parecem, com efeito, alterar o universo de referências e percepções portuguesas sobre o Brasil e seus nacionais. No entanto, esse processo de reatualização das representações do Brasil em Portugal não denota que o substrato imaginário português venha auferindo uma configuração essencialmente outra, diversa. Os dispositivos midiáticos locais, ainda que venham ampliando o universo de referências sobre o Brasil e seus cidadãos, legitimam antigas representações estereotipadas, visto que a mídia não constitui uma instituição alheia aos contextos sócio-históricos e culturais. Como atestam os Estudos Culturais britânicos e latino-americanos (Hall, 2003; Martín-Barbero & Rey, 2001; Orozco, 2001), a intervenção social das práticas midiáticas deve ser dimensionada num prisma que evidencie as intrínsecas confluências entre, por um lado, os processos comunicativos e, por outro, as complexidades dos dinamismos culturais, relativizando os primeiros a partir das últimas. Neste sentido, ao se descentralizar as análises isoladas sobre os veículos de comunicação e seus conteúdos, isto é, os meios, é possível cartografar as matrizes culturais e as diferentes mediações, a exemplo dos cotidianos simbólicos e das memórias historicamente alinhavadas, que constituem as culturas massivas e os meios-tecnologias (Martín-Barbero, 1997, 2002).

O protagonismo da mídia portuguesa no processo de legitimação de uma identidade brasileira em Portugal justifica-se, pois, se a considerarmos como um conjunto de textos sócio-históricos a partir dos quais as audiências portuguesas revisitam um antigo imaginário colonial e acedem, localmente, a distintas referências brasileiras, posicionando comunidades simbólicas de sentido e partilha. Sendo assim, os ícones midiaticamente reatualizados tendem a intervir de modo muito circunspeto no sentido de reconfigurar as estruturas basilares de um imaginário historicamente edificado. Do mesmo modo, o fenômeno da imigração brasileira em Portugal vem se caracterizando como um fator preponderante no sentido de impulsionar dinâmicas de resignificação de percepções portuguesas sobre o Brasil e os brasileiros, embora tal processo, como demonstrado, também persista na legitimação de certas estereotípias com base nas quais os portugueses partem para a interação com os brasileiros que vivenciam a condição de imigrantes. Nesse movimento de negociação e tensão entre memória histórica e inserção de referentes brasileiros no cotidiano português, potencializada pelos fluxos transnacionais de pessoas e ícones simbólicos no contexto da modernidade-mundo (Ortiz, 2000), diversificados matizes são agregados à produção contínua de uma identidade brasileira em Portugal, deveras recostada em formações ideológico-discursivas oriundas de narrativas míticas. Daí que não seja improcedente que os portugueses entrevistados nesta pesquisa afirmem que a atual identidade brasileira possa ser representada pelos seguintes vocábulos: *grandeza, praia, sol, natureza, alegria, Carnaval, futebol, pobreza, violência, crime*.

Bibliografia

ALVES, L. A. M. O brasileiro: ausência e presença no Portugal oitocentista. In: PORTUGAL, C. N. C. D. P. **Os brasileiros de torna-viagem no Noroeste de Portugal**. Lisboa: CNCDP, 2000.

APPADURAI, A. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Traduzido por Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

CASTLES, S. **Globalização, transnacionalismo e novos fluxos transnacionais: dos trabalhadores convidados às migrações globais**. Lisboa: Fim de Século, 2005.

- CORTESÃO, J. **A carta de Pêro Vaz de Caminha**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2000.
- COSTA, J. P. da. **Telenovela: um modo de produção. O caso português**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2003.
- CUNHA, E. L. O Brasil no imaginário português. In: **Revista Semear**, nº 6, 2002. Disponível em <http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/6Sem_11.html>. Acessado em: 8 Maio 2006.
- CUNHA, I. F. A revolução de Gabriela: o ano de 1977 em Portugal. In: **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2003a. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=762>. Acessado em 19 Abril 2006.
- _____. As telenovelas brasileiras em Portugal: indicadores de aceitação e mudança. **Revista Trajecto**, Lisboa, nº 3, 2003b.
- _____. Brasileiras em Portugal: Fragmentos de uma realidade ficcionada. Comunicação apresentada no **Congresso Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Rio de Janeiro, 2005.
- _____. & SANTOS, C. A. (coords.). **Media, Imigração e Minorias Étnicas**. Lisboa: Observatório da Imigração, 2004.
- _____. **Media, Imigração e Minorias Étnicas II**. Lisboa: Observatório da Imigração, 2006.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Araraquara: UNESP, 1990.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik, Tradução Adelaide La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stella Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993.
- LISBOA, W. T. **O Brasil no imaginário português contemporâneo: mitos coloniais e reactualizações mediáticas**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Jornalismo. Universidade de Coimbra. 2007.
- _____. Reminiscências coloniais e sentidos midiáticos: a identidade brasileira em Portugal. **Revista Perspectivas de la Comunicacion**, Universidade de La Frontera, Chile, Diciembre, n.2, Vol. 1, 2008. Disponível em <http://www.perspectivasdelacomunicacion.cl/revista_2_2008/parte2_03.pdf>. Acessado em: 29 jan. 2010.
- _____. Entrelinhas da memória: o Brasil na literatura portuguesa. **Revista Língua e Literatura**, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, n. 16, 2009. Disponível em <http://www.fw.uri.br/publicacoes/lingueliteratura/artigos/n16_4.pdf>. Acessado em: 29 jan. 2010.
- LOURENÇO, E. **A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia**. Lisboa: Gradiva, 1999.
- MACHADO, I. J. de R. **Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal**. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas. 2003.

Disponível em <<http://www.ufscar.br/~igor/public/carcere%20publico%204.pdf>>. Acessado em: 5 dez. 2005.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Traduzido por Ronald Polito e Sérgio Alcides, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. **Ofício de cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. Traduzido por Fidelina González. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____ & REY, G. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. Traduzido por Jacob Gorender. São Paulo: SENAC, 2001.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigação em psicologia social**. Editado em inglês por Gerard Duveen, traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

OROZCO, G. **Televisión, Audiências y Educación**. Buenos Aires: Norma, 2001.

ORTIZ, R. **Um outro território: ensaios sobre a mundialização**. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

_____. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PADILHA, B. Redes sociais e integração de facto dos brasileiros em Portugal. Comunicação apresentada no **1º Congresso Internacional A imigração em Portugal e na União Europeia**, 2005, Vila Real de Santo António, Portugal.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PEIXOTO, J. **As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas**. n. 11. Lisboa: SOCIUS/ISEG, 2004.

RIBEIRO, M. C. & FERREIRA, A. P. (orgs.). **Fantasmas e fantasias imperiais no imaginário português contemporâneo**. Porto: Campo das Letras, 2003.

SANTOS, B. de S. Entre Prospero e Caliban. In: RAMALHO, M. I. & RIBEIRO, A. S. (orgs.). **Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos da identidade**. Coleção A sociedade portuguesa perante os desafios da globalização. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

_____. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. Volume 4. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

TÉCHIO, K. Imigrantes brasileiros não documentados. Uma análise comparativa entre Lisboa e Madrid. **SOCIUS Working Papers**. 2006. Disponível em <<http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/wp200601.pdf>>. Acessado em: 13 Out. 2006.

URRY, J. **Sociologie des mobilités**. Paris: Armand Colin, 2005.

VIANNA, C. A comunidade brasileira em Portugal. 2003. Disponível em: <<http://www.casadobrasil.info/UserFiles/File/pdfs/art-comunidade-brasileira.pdf>>. Acessado em: 14 Jul. 2006.

VITORIO, B. da S. **Imigração brasileira em Portugal. A identidade cultural nas margens do dizer**. Pesquisa de Pós-Doutorado. Instituto de Estudos Jornalísticos. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. 2005.